

ARTÍCULOS
ARTIGOS
ARTICLES

ALGUNAS REFLEXIONES ACERCA DEL DESAMPARO EN LAS ADOLESCENCIAS ACTUALES

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O
DESAMPARO DOS ADOLESCENTES
DE HOJE

SOME REFLECTIONS ON HELPLESSNESS
IN TODAY'S ADOLESCENTS

Álvaro Silva Silva Santisteban
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica
ORCID: 0000-0003-0542-0429
Correo electrónico: Alvaro90silva@gmail.com

Fecha de recepción: 02-09-2024
Fecha de aceptación: 15-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Silva Silva Santisteban A. (2024) ALGUNAS REFLEXIONES ACERCA DEL DESAMPARO
EN LAS ADOLESCENCIAS ACTUALES

Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI:doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.3

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O DESAMPARO DOS ADOLESCENTES DE HOJE

Alvaro Silva Silva
Santisteban¹

1 Psicólogo clínico pela Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas. Mestre em docência para o ensino superior pela UNAB. Psicoterapeuta formado pelo CPPL. Membro da ADPP. E-mail: Alvaro90silva@gmail.com. Lima

Introdução

As reflexões propostas neste texto são sobre a experiência de desamparo do adolescente. Atualmente, há um número crescente de adolescentes que chegam ao consultório médico relatando abulia, desânimo, sentimentos de vazio e uso de substâncias. Eles sofrem de um tipo de dor diferente daquele a que estamos tradicionalmente acostumados na adolescência (Janin, 2019).

Com base em alguns de seus depoimentos que falam da ausência de figuras parentais, tentaremos explicar essa tendência a partir da experiência de desamparo. Ela será abordada a partir do eixo do confronto geracional e da experiência de ser do adolescente. O objetivo não é propor uma universalização do problema, negando os múltiplos cenários que podem ocorrer na dimensão do vínculo pai-filho durante a adolescência. Longe de tentar propor um modelo universal de compreensão, levantaremos hipóteses sobre essa tendência em nosso ambiente atual.

Adolescência

A adolescência representa um ponto de chegada e um ponto de partida. A criança deixa de ser uma criança e embarca no caminho para a maturidade. Durante essa transição, ocorrerão vários processos psíquicos que levarão à vida adulta. Dolto et al. (1995) apresentam a adolescência como um segundo nascimento do indivíduo, um movimento cheio de força, promessa de vida e expansão, que ocorre progressivamente, pouco a pouco. Nas palavras de Dolto et al. A adolescência é sempre difícil, ou, como diriam Aberastury e Knobel (1988), a adolescência é uma crise normal. A adolescência como um período crítico, um momento crucial do desenvolvimento, passa por angústias, luto, conquistas e elaborações. Peter Blos (1979) postula a adolescência em termos de um segundo processo de individuação, referindo-se à desidealização e ao descompromisso com os objetos internalizados da infância. Dessa forma, o adolescente assumirá cada vez mais responsabilidade pelo que é e pelo que faz, em vez de depositá-la e atribuí-la aos pais internalizados. Entretanto, devemos ter em mente que esse é um movimento oscilante de regressão/progressão.

Kancyper (2007) argumenta ainda que o conflito geracional é um processo central na adolescência, pois é por meio dele que a identidade é moldada. Nessa fase, os adolescentes buscam a independência de seus pais. Para isso, precisam se afastar dos pais de sua infância, que até então eram sua fonte de segurança. Seu comportamento não será mais

regido pelos costumes, proibições e desejos de seus pais. Da mesma forma, diz o autor, o adolescente buscará deixar de ser através de seus pais para ser ele mesmo. O distanciamento atinge os dois lados do conflito geracional: de um lado, os pais, que enfrentam a ameaça de perder seu apoio narcisista e pigmalônico, e, de outro, o adolescente, que também está lidando com a perda de um apoio narcisista. A desvinculação da autoridade dos pais é fundamental para o desenvolvimento humano individual, mas é uma experiência extremamente angustiante. O que é processado no vínculo pai-filho é o reconhecimento do outro como diferente e separado. Para isso, “o adolescente precisa rejeitar certas identificações a fim de obter acesso a outro nível de identificação que lhe permita alcançar uma posição independente” (Kancyper, 2007, p. 56). A agressão é necessária para o desenvolvimento do adolescente. Winnicott (1979), brilhantemente, a distingue como uma das principais fontes de energia disponíveis. Os pais devem sobreviver, permanecer intactos, sem abandonar nenhum princípio importante. A presença do adulto no desenvolvimento do adolescente é uma necessidade vital. Winnicott (1972) disse: “Onde houver o desafio de um jovem em crescimento, que haja um adulto para enfrentá-lo” (p. 193).

Desamparo

Nos dias de hoje, caracterizados por uma cultura de narcisismo, em que a preocupação com o outro perdeu seu lugar, encontramos adolescentes sem adultos para desafiar para um desenvolvimento saudável. Piadas e expressões humorísticas são uma forma de abordar a realidade. Há algum tempo, ouvi uma piada que falava sobre a mudança no lugar da figura paterna como autoridade. Como se passava de pai, para pai, para papai e, finalmente, para “pa”, descrevendo a dinâmica familiar em cada estágio. O “pai” era a autoridade suprema da casa. Os filhos não tinham voz em suas regras. Depois, ele se tornou “papai”. Com o pai, os filhos adquiriram o poder de protestar. O pai ainda era uma figura de autoridade, mas era mais tolerante. Houve uma reaproximação entre as gerações. Os filhos podiam recorrer a ele para pedir conselhos. Depois veio o “papai”. O papai não era mais uma figura de respeito. Ele era repreendido e maltratado. Ele tinha que entregar as chaves do carro, o laptop, o cartão e não tinha voz sobre os namorados das crianças. O papai não é consultado, muito menos solicitado. Ele é notificado. E finalmente apareceu o “pa”. De “pa que me sirves”. A transformação da figura paterna na piada é evidência de um abandono da batalha pela autoridade. Quem eles podem enfrentar para se reconhecerem como diferentes? Em que terreno a subjetividade é construída?

Vamos prestar atenção às comunicações de alguns adolescentes: “Eu fumo maconha no meu quarto e eles nem percebem”, conta um adolescente com pesar. “Eu estava triste e não queria fazer nada, mas não queria causar mais problemas, e meus pais não perceberam”, relata outra garota com aparente tranquilidade. “Eu não sinto nada. É um vazio. Nada, não conto com ninguém”, comenta ela com um rapaz. “Chego bêbada e chapada e eles não percebem, [...] posso fazer ou deixar de fazer qualquer coisa e eles não veem, nunca me puniram, não me impõem limites”, narra uma jovem com aparente inquietação.

Os depoimentos revelam pais e mães que estão presentes, mas ausentes em seus papéis. Adolescentes que parecem invisíveis e que trazem para a consulta, com essas histórias, ataques de pânico, automutilação, somatização e, em geral, profunda tristeza e pesar que não podem ser registrados ou nomeados. Como Green (2005) identifica, na clínica da depressão primária, prevalece a falta de vitalidade e a impossibilidade de pensar, vincular e representar o que está acontecendo com eles.

Por outro lado, os pais fazem comentários como: “Ele já tem 16 anos, deveria ser maduro o suficiente para assumir suas responsabilidades”, diz um dos pais. “Não podemos nos impor a ele, temos de ouvir o que ele tem a dizer”, diz outro pai. “Somos permissivos porque só existe uma vida”, comenta um casal de pais. “Se ele for desrespeitoso, o que você ganha com isso? “É melhor evitar isso”, diz uma mãe.

Pais com dificuldades em estabelecer limites que contenham o surgimento de impulsos, que apoiem os processos enfrentados pelo adolescente e que estruturam o ambiente por meio do qual o adolescente poderá descobrir suas possibilidades. Pais que lidam com suas próprias ansiedades e deficiências, que os sobrecarregam e desorientam no exercício de suas funções paternas e maternas.

Do desamparo primordial ao desamparo do adolescente

Ferenczi (1928/2009) lista uma série de traumas que a criança tem de enfrentar: nascimento, desmame, limpeza, supressão de maus hábitos e, o que ele destaca como o mais importante de todos, a passagem para a vida adulta.

Ao chegar ao mundo, o recém-nascido experimenta um estado de desamparo e indefesa. Esse momento marca a importância do outro para a sobrevivência. A superação do desamparo primordial depende do cuidado amoroso e carinhoso dos pais (Ferenczi, 1929/2009). O ambiente é indispensável para o desenvolvimento saudável e o amadurecimento do indivíduo (Winnicott, 1972). Greenacre (citado em Levisky, 1998) enfatiza a necessidade de contato nos cuidados infantis. Isso será fundamental para a capacidade do bebê de se tornar autossuficiente. Se for cuidado apenas de forma estéril e pessoal, esse bebê não chegará à infância.

Como menciona Isely (2023), os limites têm a ver com a experiência de satisfação primordial. A mãe vem ao encontro do choro do bebê e, se ela for capaz de decodificar o que esse choro expressa e, assim, responder com empatia e ternura, um limite é colocado no transbordamento da dor produzida pela experiência de desprazer. Sem a ajuda de outras pessoas, o bebê ficará totalmente desamparado.

As necessidades estão sendo atendidas graças à adaptação do ambiente à criança e, assim, haverá uma transição de um grau de imaturidade e dependência total para uma dependência relativa e maturidade por meio de uma desadaptação gradual (Winnicott, 1972).

Como mencionado acima, a adolescência é um segundo nascimento. Levisky (1998) adverte que essa fase é um período de extrema vulnerabilidade e propício ao desencadeamento de quadros clínicos que podem se tornar rigidamente estruturados. É isso que torna o papel do ambiente tão necessário. Na adolescência, o desamparo primordial é reeditado. Por isso, o contato, a empatia e a ternura serão decisivos para o estabelecimento de um canal saudável que permita o crescimento e o desenvolvimento rumo à vida adulta.

Os pais de hoje parecem estar exigindo, mais do que nunca, maturidade de seus filhos adolescentes. Em seus discursos, eles afirmam: "Por que ele não consegue cuidar de si mesmo? Ele é um garoto grande. Ele tem que assumir o controle". Os adultos esperam que seus adolescentes encarnem um adulto e apelam para sua vontade de ter sucesso na vida (Janin, 2022). Estamos testemunhando um paradoxo aqui. Os pais querem que seus filhos "façam". Mas, como Winnicott (1967/1986) menciona, "não pode haver Fazer antes de Ser" (p. 25). À medida que os adolescentes lidam com as mudanças da puberdade, suas ideias sobre a vida, seus valores e aspirações, sua desilusão com o mundo adulto, eles começam a se sentir reais, a ter um senso de si mesmos e de ser. Somente sendo capazes de Ser é que eles conseguirão se sentir mais seguros. Somente sendo capazes de Ser, eles serão capazes de Fazer. Para que isso aconteça, a família deve se adaptar ao adolescente e não o adolescente à família (Winnicott, 1972). A demanda atual por produtividade leva à aniquilação da consideração do outro como um ser em transição (Janin, 2022).

Esse desejo de respostas adultiformes revela que esses adolescentes não estão sendo observados e decodificados por seus pais por vários motivos. Há uma clara ausência de limites. Limites que os próprios adolescentes estão exigindo. Ao pedir em consulta para ser descoberto e punido, ouvimos o pedido de ser observado, contido e sustentado. A necessidade de experimentar um vínculo afetivo. "Ódio eu quero mais do que indiferença", soa a clássica valsa 'Ódio a mim'. A punição, por mais raiva que possa gerar, é melhor do que a indiferença. O conflito e o confronto são necessários. A suposta liberdade de evitar deixa os adolescentes em um estado de desamparo, jogados no abismo.

Sem outra pessoa para estabelecer limites, eles são expostos a demandas internas excessivas que os levam a um desamparo impulsivo (Isely, 2023). Sem outra pessoa para confrontar, eles dificilmente podem se tornar um Ser (Kancyper, 2007). O confronto implica uma contenção que não tem as características de retaliação, de vingança, mas que é firme (Winnicott, 1972).

Os estados de depressão, vazio, falta de vitalidade e os sintomas apresentados pelos adolescentes mostram dificuldades em simbolizar e vincular representações. Eles são arrastados pelo pulsional. A capacidade de registrar seus sentimentos requer um relacionamento com os outros. Mas quando esse outro está ausente, o que resta é o vazio. Há então uma tendência à desobjetificação, uma tendência ao desinvestimento. Para que o impulso vital prevaleça, é necessária uma presença para acalmar e limitar o excesso de dor (Janin, 2010; Isely, 2023).

O que parece estar acontecendo com os pais nos tempos atuais? Winnicott (1967/1986) afirma que o único remédio para a adolescência é a passagem do tempo. Eu me pergunto como esperar a passagem do tempo em uma época caracterizada pelo imediatismo? Da espera por uma carta, ao WhatsApp, à busca por livros, ao ChatGPT, é possível esperar que o tempo faça seu trabalho com a maturidade adolescente? Mas essa espera não é uma espera passiva, ela exige uma presença vital, com disponibilidade e disposição.

Parece que eles estão sobrecarregados e excedidos no exercício de suas funções. Desafiados por suas próprias deficiências narcísicas, incapazes de pensar em sua própria adolescência e em um mundo hiperinformado que muitas vezes acaba desinformando e gerando mais confusão, fragilidade e insegurança. Os valores que a cultura atual transmite, mais próximos de fantasias de onipotência e megalomania, não permitem a articulação de projetos, mas sim um imediatismo devastador (Janin, 2010). A partir dessa confusão, os pais de hoje parecem estar mais preocupados com suas próprias necessidades narcisistas e ideais sociais inatingíveis, e esperam respostas adultiformes de seus filhos adolescentes na esperança de evitar e se salvar de conflitos (Janin, 2019). Levisky (1998) menciona como alguns pais, quando sobrecarregados, perdem o controle e recorrem a mecanismos de defesa semelhantes aos do filho adolescente, colocando-se no mesmo nível.

Os adolescentes precisam da autoridade dos pais. Eles precisam de uma presença amorosa que estabeleça limites para a dor do desamparo. Precisam de limites contra os quais possam se rebelar e de uma contenção que lhes permita ser vítimas de sua própria imaturidade.

Precisam da autoridade dos pais para se livrarem dela em busca de sua própria identidade. Precisam daquele outro que decodifica suas necessidades e facilita o vínculo representacional.

Como terapeutas, essa realidade nos convoca a partir da possibilidade de ouvir. A partir daí, é necessário resgatar a parentalidade, composta pela paternidade e pela maternidade. Acolher os pais nos pedidos de consulta de seus filhos e gerar espaços reflexivos para a construção da função da parentalidade e fortalecer os recursos necessários para travar a grande batalha do enfrentamento, que, por mais desagradável que seja, é absolutamente necessária. É fundamental abrigar o fardo, a angústia e as carências dos pais para que eles possam sustentar um vínculo de ternura com seus filhos.

Para concluir, acreditamos que é essencial oferecer espaços para que os adolescentes comecem a se conectar e a representar suas experiências internas, para que possam criar suas próprias histórias. Permita que eles sejam, e a partir daí eles poderão acreditar, confiar e criar. Para isso, também será necessário estabelecer limites que contenham diante de demandas avassaladoras e oferecer empatia e ternura, por meio de holding e handling que permitam o desenvolvimento adaptativo do adolescente rumo à maturidade (Winnicott, 1968/1986). Nas palavras de Isely (2023), o desamparo deve ser acolhido.

Referências bibliográficas

- Aberastury, A. e Knobel, M. (1988). *La adolescencia normal*. Paidós.
- Blos, P. (1979). *The adolescent transition*. ASAPPIA.
- Dolto, F. et al. (1995). *Palavras para adolescentes ou o complexo da lagosta* (5ª ed.). Atlantida.
- Ferenczi, S. (2009). A adaptação da família à criança. Em *Problemas e métodos da psicanálise* (cap. 6, pp. 61-78). (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferenczi, S. (2009). A criança indesejada e sua pulsão de morte. Em *Problemas e métodos da psicanálise* (cap. 9, pp. 104-111). (Trabalho original publicado em 1929).
- Green, A. (1990). *Narcissism of life, narcissism of death (Narcisismo da vida, narcisismo da morte)*. Amorrortu.
- Isely, M. (22-24 de setembro de 2023). *Entre o transbordamento e a contenção. Los límites ante el Desamparo Actual* [Conference paper]. XX Congreso Internacional del Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima "Emociones y sentimientos: contención y desborde", Lima, Perú.
- Janin, B. (2010). Patologias graves na adolescência. Os que abandonam a escola. *Cuadernos de psiquiatría y psicoterapia del niño y del adolescente* (50). 241-257
- Janin, B. (2019). *Infâncias e adolescências patologizadas*. Noveduc.
- Janin, B. (2022). Crianças e adolescentes em tempos de desamparo coletivo. Da incerteza à esperança na saúde mental e na educação. Noveduc.
- Janin, B. (2022). Adolescentes em tempos de sofrimento social. In: Ferreira Dos Santos, S. (Comp.) *Clínica com adolescentes: problemáticas contemporâneas*. Entre ideias.
- Kancyper, L. (2007). *Adolescência. O fim da ingenuidade*. Lumen.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescence. Reflexiones Psicoanalíticas*. Lumen.
- Winnicott, C. y Winnicott, D. (1986). O conceito de um indivíduo saudável. En D. W. Winnicott, *Home is where we start from: Essays by a Psychoanalyst*, (pp. 21-38). Norton & Company.
- Winnicott, C. y Winnicott, D. (1986). Adolescent immaturity (Imaturidade do adolescente). En D. W. Winnicott, *Home is where we start from: Essays by a Psychoanalyst*, (pp. 150-166). Norton & Company.
- Winnicott, D. (1972). Realidade e jogo. Gedisa.
- Winnicott, D. (1979). Escritos de pediatria e psicoanálise. Laia.